

humanitas

Vol. XXI+ VVGG

IMPrensa da Universidade de Coimbra
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



Quinque claus sapientiae — INCERTI AVCTORIS, Rudium doctrina ;
 BONVICINI DE RIPA, *Vita Scolastica*, recensuit Anežka Vidmanová-
 -Schmidtová, Teubner Verlagsgesellschaft, 1969, pp. 120.

A partir do século xi cultivou-se na Europa, em poesia, o tema das *Cinco chaves da Sabedoria*. Este tema não é clássico. Deve antes inspirar-se no Evangelho de S. Lucas, XI, 52. Entre os diversos poemas, úteis para uma história da educação, que trataram o assunto distinguem-se dois: o *Rodium doctrina*, de autor desconhecido, e a *Vita Scolastica* de Bonvesin da Riva.

As *Cinco chaves da Sabedoria* são: o temor de Deus ou o desprezo das riquezas, a leitura frequente, a memória, a honra devida aos mestres e os interrogatórios frequentes. No geral, estes tratados acrescentam também cinco conselhos aos mestres: corrigir os erros dos alunos, dar bom exemplo, ensinar os bons costumes, transmitir matérias adaptadas à capacidade dos alunos e estimular ao estudo os alunos indolentes.

Têm-se proposto diversos autores para o poema *Rodium doctrina*: João de Garlândia, Raimundo Lulo, etc. Na realidade deve dizer-se que se ignora quem seja o seu autor. Tão-pouco se conhece a data exacta do seu aparecimento. A crítica leva à conclusão que é anterior a 1280, pois já é citado numa obra desse ano, e pelas menções que faz de Cícero, Juvenal, Virgílio e Horácio, Platão e Aristóteles, deixa supor que se trata de um produto da renascença do século xii. À mesma conclusão leva o exame interno, nomeadamente o uso de *auctor* no duplo sentido de 'autor' e 'autoridade'.

A expansão do *Rodium doctrina* foi enorme, como o demonstram os inúmeros manuscritos espalhados por toda a Europa e as edições dos primeiros tempos da imprensa. Como era utilizado para o ensino do latim, aprendendo-o os alunos de cor, foram-se introduzindo muitos acrescentos, de modo que o exame dos códices é muito complicado. A. Vidmanová apresenta (p. XVIII) um *stemma* dos dez códices principais. Os outros não se deixam facilmente classificar por famílias. São descritos 23 códices, registando A. V. elementos ortográficos que denunciam a região em que cada um deles foi escrito. Este pormenor é útil para reconstituir a pronúncia do latim nos diversos países no final da Idade Média. Apresentam-se vários *testimonia* laudatórios (pp. XVIII-XXI). De notar, no entanto, o do humanista António de Nebrija, que é claramente negativo: em seu entender, obras deste género «non modo <non> legendas, sed si forte in manus inciderint, lacerandas, aut igni subiiciendas»...

Após o primeiro prefácio, escrito em 1966, A. Vidmanová foi posta perante a descrição de mais 10 códices por Rino Avesani. E refez todo o seu trabalho. Assim, o *conspectus siglorum* que precede o texto apresenta-se com 34 códices (um dos quais só com fragmentos).

O texto crítico do *Rodium doctrina*, que consta de 376 versos, divididos em dois livros (o primeiro termina, segundo as notas dos manuscritos, no verso 174), é-nos dado nas pp. 5-36. O texto em si está bem depurado. Aachamos, no entanto, que não seria necessário sobrecarregar o aparato crítico com a menção de tantos códices.

Conseguir-se-ia o mesmo resultado utilizando apenas de meia dúzia a uma dezena dos melhores manuscritos.

Falámos de «aparato crítico». Na realidade, A. V. apresenta três aparatos: o primeiro, muito proveitoso (cf. por exemplo a p. 11 sobre os mestres de Aquiles e Alexandre), para a indicação das fontes; o segundo, mais resumido, não tem razão de ser, pois utiliza os mesmos manuscritos e transcreve o mesmo género de variantes que se apresentam no terceiro, que é sempre muito extenso, denso e complicado, dado que utiliza numerosos manuscritos. Gostaríamos de ver os dois últimos reduzidos a um só, com as variantes apenas dos melhores códices.

Não concordamos com o sistema ortográfico adoptado. Os manuscritos medievais têm uma grande variedade de sistemas gráficos. Vidmanová transigiu em escrever sempre palavras do tipo (citamos o verso) *hec* (5), *sophie* (7), *sapiencia* (11), *extimpro* (17), *contempnere* (39), *nichil* (160), etc. Julgamos que seria preferível adoptar o sistema tradicional, clássico, fazendo para isso um aviso prévio no prefácio.

Estamos de acordo, de um modo geral, com o sistema adoptado nos aparatos críticos. Casos há, porém, em que ficamos na dúvida. Por exemplo, o verso 9 diz: *non nisi dante Deo sapientia discitur ulla* e no segundo aparato lemos para este passo: *proficit absque Deo nullus in orbe labor et cum et vult furiam Cristi sapientia dicat add. N proficit absque Deo nullus in orbe labor O*. Perguntamo-nos: N transcreve primeiro o verso 9 e acrescenta depois tudo o que vem no aparato? Mas para O (não precedido de *add.*) ficamos com a impressão de que o texto do Autor foi substituído pelo que se encontra no aparato. Quais as verdadeiras variantes?

Para os versos 91 e 96, em vez de *Socrati* e *Socratem*, A.V. inclina-se a favor de *Sorti* e *Sortem* «metri causa». Quanto a nós, o facto de nenhum manuscrito apresentar esta variante é sinal de que para o poeta a primeira sílaba de *Socrates* contava como breve e assim teremos, em 91, um hexâmetro perfeito e, em 96, um «pentâmetro» também correcto. Desnecessária, portanto, a sugestão de emenda.

O uso do *lemma* não se encontra suficientemente sistematizado. No verso 5 lê-se: *hec rudium mentes doctrina repente subibit*. No terceiro aparato encontram-se isoladas por *lemma* as palavras *hec* e *subibit*; mas apresentam-se sem qualquer indicação prévia as variantes *subito* S *nempe* G. Qual a palavra do texto que estas variantes substituem? Depois de pensar um pouco imaginamos que se refiram a *repente*. A isso nos leva o sinónimo *subito*; mas *nempe* fica isolado. Seria preferível ter precedido também estas presumíveis variantes de *repente* de um *lemma*. Aliás, A.V. usa o *lemma* com abundância, mesmo quando ele se poderia dispensar, como por exemplo em *tibi om. N* (57) e semelhantes. Aqui, sim, quando não há mais variantes dispensava-se o *lemma*.

A segunda obra incluída neste volume da Teubner é a *Vita Scolastica* de Bonvesin dà Riva, escritor que viveu aproximadamente entre 1250 e 1313. Autor culto, gramático e professor de filhos de famílias abastadas, Bonvesin era um metrista medíocre. Tem sido muito apreciado pelas suas obras escritas em italiano. A sua *Vita Scolastica*, também sobre as *Cinco chaves da Sabedoria*, e com três normas para os mestres, mereceu uma edição recente de E. Franceschini, Padova, 1943. Mas a esta edição italiana falta o rigor de um texto crítico.

É provável que a obra tenha sido escrita no final do século XIII. Ela dá-nos um retrato da vida escolar daquele tempo, de alunos e professores. A sua fama

ultrapassou as fronteiras da Itália e A. Vidmanová recolheu 18 códices desde a Polónia, à Checoslováquia, Inglaterra e centro da Europa. O estudo de Rino Avesani, de 1965, acrescentou mais 6 códices que A. V. ainda pôde utilizar.

A poesia em si sofre de falta de ordem na exposição e ao longo dos tempos foi contaminada com exemplos ou histórias edificantes, em prosa, que esta edição crítica relegou para um apêndice.

O trabalho de A.V. é baseado em 26 códices. O texto poético (pp. 41-102) é constituído por 936 versos. A técnica usada é a mesma da obra anterior para os três aparatos críticos, dos quais o segundo nos parece desnecessário, pois os seus elementos poderiam ser incluídos no actual terceiro aparato. Semelhantes comentários poderíamos, pois, fazer, quanto ao processo de apresentar as variantes.

Anotemos que ao estudar criticamente a expressão *invidiamque fuges* (v. 794) a organizadora do texto procurou justificar Bonvesin dizendo: *Bonvicinus posuit fortasse fuges pro fugies eodem modo pronuntiato*. Há pois a preocupação de descobrir o tipo de pronúncia de cada época. A edição de Franceschini é corrigida frequentes vezes.

Em *Addimenta* temos 8 exemplos morais que se haviam introduzido no texto. Agora, sim, A.V. utiliza só dois aparatos críticos: — o das fontes e o das variantes. Curioso será notar que o *exemplum III* apresenta a história de um criado que tramava a morte de um colega numa fornalha ardente, mas acabou por ser ele próprio queimado vivo, pois a pretensa vítima havia-se entretanto demorado um pouco a ouvir missa numa igreja. Como se sabe, esta historieta é contada também na vida de Santa Isabel de Portugal. O aparato das fontes diz: *Haec fabula Indicae originis in Arabia peruulgata magno fauore fruebatur in Europa occidentali*. Aqui fica a achega para os biógrafos da padroeira de Coimbra.

J. G. F.

Tabula Imperii Romani (Romula, Durostorum, Tomis), Académie de la République Socialiste de Roumanie, Bucarest, 1969, pp. 80 + 1 mapa.

O Instituto de História e de Arqueologia de Cluj (Roménia) meteu ombros à reconstituição de todas as localidades que faziam parte do Império Romano na zona Nordeste da Europa. Numa *tabula* anterior foi estudada a parte Ocidental da actual Roménia. A *tabula* presente ocupa-se da área Oriental, dividida nas seguintes regiões: a *Dacia* (subdividida em *Porolissensis*, *Superior* e *Inferior*), a *Schytia Minor* e a *Moesia Inferior*. Os maiores centros populacionais desta zona eram Romula, Durostorum e Tomis, ou seja, na nomenclatura actual, Resca, Silistra e Constanta.

O estudo envolve simultaneamente um processo de investigação em fontes históricas, literárias, geográficas e em pesquisas arqueológicas. É, pois, fruto de um trabalho de equipa, realizado por estudiosos pertencentes às Universidades de